



Saudades

Júlia

Ontem, 27 de janeiro de 2009, por um instante, a morte pensou ter vencido a alegria. Mas não o fez. Se os fatos mostram o contrário, que se danem os fatos, como dizia Nelson Rodrigues.

Perdemos o convívio diário da Júlia, mas não sua alma, sua alegria, suas indignações, sua preocupação social e sua amizade.

Algumas pessoas são dignas, outras são amigas,

outras são poetisas, mas raras são as que fazem da vida uma poesia e da alma um instrumento de dignidade e de amizade. Júlia foi um ser humano raro e é uma alma rara.

Quando uma humilde senhora, que teve seu benefício deferido no JEF, resolveu presentear-me com um pato, Júlia fez uma poesia; quando um garoto surdo e mudo requereu um benefício no JEF e Júlia com ele se encantou fez uma poesia; quando de um itinerante, com a fratura exposta das mazelas sociais, Júlia fez outra poesia. Ela dizia que processo não tem número, tem nome.

Júlia era poetisa. Não, Júlia era poesia. A poesia e os poetas nem sempre são compreendidos.

Quando potencializava sua indignação com as desigualdades, Júlia dizia que era favorável à luta armada. Suas armas, na realidade, eram outras. Eram famosas suas "caixinhas" para pagar remédios ou passagens de pessoas necessitadas. Júlia armou-se para suas lutas, mas armou-se de amor. Sua luta era amada, não armada. Deus sabe o quanto ela amava e lutava por suas convicções. Alguns podiam dela discordar, mas ninguém dirá que ela não lutava. Júlia viveu sua vida com intensidade, com paixão e com compaixão.

Tive o privilégio de com ela trabalhar durante 2 anos. O privilégio foi dobrado porque a vi exercer a atividade mais difícil do JEF (atendimento ao público) e fazê-lo com imensa alegria. Trabalhamos juntos, rimos juntos, discutimos futebol, direito e história e, principalmente, divertimo-nos com a alegria de distribuir justiça a quem mais precisa.

Dizem que ela se encontrou profissionalmente no JEF. Não a conheci antes do JEF, mas posso dizer que, no Juizado, nunca vi uma instituição e uma pessoa se completarem tanto.

Júlia tem (o verbo está no tempo correto) uma alma grande e agora fará a alegria em outros juizados menos falíveis.

As palavras também têm alma e a deste texto, soluçando, registra o quanto Júlia fará falta, no JEF, na Seção Judiciária e em nossas vidas; mas ela deixou eternamente gravado que "processo não tem número, tem nome" (Júlia).

Marcelo Eduardo Rossitto Bassetto
Juiz Federal - Diretor do Foro



Ter paciência com criança nunca foi uma virtude minha. Até tenho, mas não muita.

É que elas são teimosas, desobedientes, barulhentas
E donas de uma sinceridadezinha quase insuportável.

Mas eu gosto das pestinhas...
De preferência quando estão dormindo ou sorrindo – lindas – em fotografias (nesse caso, sem exceção, adoro todas).

Conheci, dia desses, uma criaturinha muito especial.
Uma criança diferente de todas que já vi. Apesar de falar com desenvoltura incomum para sua idade, não teima, não desobedece e não é barulhento, muito pelo contrário.

Ele é voz de sua mãe, Elizângela. Tem apenas três anos e se comunica com ela usando linguagem de sinais, as libras.

Fiquei encantada com Arthur, traduzindo pra gente o que a mãe queria e não podia dizer, com graça, paciência e responsabilidade.

A coisa mais linda que meus olhos já viram e que, numa velocidade luz, meu coração registrou.

Julia Maria

Poesia escrita para uma criança cuja mãe é surda-muda e foi atendida no JEF.

Fotos cedidas por Ana Cláudia, Darlete e Franklin.